

## EDITORIAL

Cada página folheada em um exercício solitário; cada olhar que percorre as inúmeras palavras que, unidas uma a uma como uma corrente, uma corrente de pensamento difícil de ser rompida, é a concretização de um ideal que levou professores e pesquisadores a dedicarem tempo à reflexão. Assim como fez com que, no início dos anos setenta, uma cidade do interior do Estado de São Paulo sonhasse com a criação de um instituto de ensino superior. Trinta anos depois, as páginas, já com um novo colorido, comprovam a superação de um desafio impresso em amareladas páginas consumidas pouco a pouco pelo tempo: “ [...] a Faculdade quer deixar bem claro que conhece e aceita o desafio da existência de escolas superiores no interior, onde não existiriam as condições para o funcionamento de instituições universitárias. É possível que tal ocorra em outras regiões do país. No interior paulista, porém, acreditamos que não só tais condições estão presentes, como até podem ser melhores que nas congestionadas metrópoles litorâneas.”

Essas palavras transcritas da Revista Painel, publicada em abril de 1974 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ituverava, são um simples resgate de uma memória que deve permanecer no tempo para não ser esquecida, de forma a aludir a um novo nascimento. A **Revista Nucleus** é o despertar de uma nova fase com o compromisso de (re) afirmar o que foi dito anteriormente, ou seja, o meio que sintetiza em suas páginas a importância da educação – no sentido *strictu sensu* da palavra – e da produção científica para uma cidade do interior paulista. Esta publicação é um importante passo dado pela Fundação Educacional de Ituverava, hoje mantenedora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e também da Faculdade de Agronomia “Dr. Francisco Maeda”, em busca de condições plausíveis para a expansão de uma realidade comprovada: é possível e indispensável pensar-se em produção do conhecimento nas cidades interioranas do Brasil; por conseguinte, a ciência não deve ser uma prática ilustre restrita a grandes centros urbanos.

Assim como a síntese de um sonho concretizado, a Revista Nucleus vem contribuir com a quebra de um velho estigma que acompanha a academia. A afirmativa de que o conhecimento produzido no bojo do meio acadêmico seja apenas um amontoado de teses, nas prateleiras das bibliotecas, é uma falsa verdade. Certamente, estamos longe de uma satisfatória divulgação da produção científica brasileira; a sociedade ainda não tem acesso, na sua maioria, ao que se produz em faculdades e universidades espalhadas pelo Brasil, além disso poucas são as editoras que se interessam por trabalhos científicos. Entretanto, olhar para essa realidade e suportá-la como uma condição da existência não é ideal. O que precisamos é que se criem a fim de que a pesquisa nacional avance em direção à sociedade, pois, dessa forma, o conhecimento não se restringirá à

condição de objeto de luxo à disposição de uma minoria que frequenta os bancos universitários. A produção científica não cumpre sua função social satisfazendo apenas a nós, pesquisadores.

Para tal, a **Revista Nucleus** surge como o espaço de divulgação da produção científica dos docentes e pesquisadores da Fundação Educacional de Ituverava, além de contar com a colaboração de pesquisadores de outras instituições de ensino superior do Brasil e do exterior. Uma publicação que não vem satisfazer simplesmente um segmento do meio acadêmico, mas difundir em suas páginas uma diversidade de assuntos referentes às áreas de pesquisa oferecidas por essa instituição: Agronomia, Administração de Empresas e Agro-negócios, Ciências Biológicas, Letras, Pedagogia, Matemática, História e Geografia.

Com a linha editorial voltada para essas oito áreas do conhecimento, a revista assume a difícil tarefa de oferecer ao leitor uma variedade de artigos; naturalmente, desconexos um do outro; porém, de forma harmônica em suas páginas. Um desafio que não permita saídas como a publicação de dossiês ou de números temáticos. O Conselho Editorial deverá sempre buscar respostas para que este periódico não beneficie uma única área do conhecimento, mas, para isso, também contará com a contribuição dos pesquisadores dessas diversas áreas mencionadas. Fato este, que corresponde a outro desafio a ser superado por publicações como estas. A credibilidade de uma publicação está no conteúdo impresso em suas páginas, como também na manutenção de uma determinada periodicidade, fator que, muitas vezes, é desprezado ou interrompido por falta de financiamento.

Para demonstrar a diversificação de temas deste periódico destacaremos alguns artigos dos que foram selecionados para o primeiro número. Maria Eloísa de Souza Ivan apresenta uma análise dos elementos modernos da literatura de Clarice Lispector em *A hora da estrela*, em que ironia e metalinguagem são ferramentas poéticas para a construção de um narrador capaz de dividir com o leitor o processo de feitura da obra. A autora demonstra que a moderna narrativa encontra na desconstrução ou desmistificação do fazer literário a verdadeira revelação da palavra, em que literatura não é simplesmente forma, mas um conteúdo que deve ter sua essência desnudada; a palavra deve surgir como uma descoberta.

Da literatura passamos ao estudo da resolubilidade de Equações Diferenciais Parciais. Júlio César de Jesus Onofre demonstra uma proposição decorrente do teorema de Harvey que oferece as condições necessárias e suficientes para a resolubilidade de Equações Diferenciais Parciais no espaço das funções definidas num aberto e infinitamente diferenciáveis (). Por final, o trabalho apresenta, ainda com base neste teorema, uma série de exemplos de operadores não resolúveis.

Irlandina de Paula Macedo Chicote, apresenta os resultados obtidos com o ensino da Filosofia, ao ensinar e exercitar o diálogo investigativo, em uma sala de aula, com crianças de 9 a 10 anos. O trabalho pretende demonstrar como a ética e a educação moral estão sendo construídas

no cotidiano escolar; como conceitos como solidariedade, compreensão e respeito devem fazer parte da aprendizagem e do meio escolar do aluno.

Da sala de aula partimos para “roçar” a terra. Ao estudar a evolução da agricultura em Ituverava, numa perspectiva histórica, Aparecida Helena Batista Pereira destaca os aspectos geográficos da cidade que contribuíram para a adequada adaptação de várias culturas que, juntas, oferecem uma melhor compreensão da atual situação da agricultura neste município. Diante do desenvolvimento desse setor e, conseqüentemente, sua contribuição para o crescimento da economia ituveravense, a autora atribui à Faculdade de Agronomia “Dr. Francisco Maeda” um fundamental papel na impulsão do desenvolvimento agrícola e econômico ao incentivar a policultura, a utilização de práticas modernas, como também a pesquisa e a introdução de novas culturas adaptáveis ao tipo de clima e solo da região.

Ao analisar a sobrevivência e a confiabilidade presentes em pesquisas nas áreas médica e industrial, Cleber Giuglioli Carrasco demonstra que o modelo poli-log-logístico (4.3) pode ser utilizado para modelagem de riscos competitivos latentes, ou seja, quando não temos informação de qual fator de risco foi responsável pela morte do indivíduo ou falha do componente. O autor também destaca que esse modelo tem uma grande vantagem em relação aos outros modelos que ajustam dados de riscos competitivos: pode ser utilizado com sucesso para ajuste de dados com funções de riscos multimodais. Neste artigo, Giuglioli alerta quanto à escolha do modelo a ser utilizado, por ser um tópico extremamente importante na análise paramétrica de dados de tempo de vida; portanto, evidencia a necessidade de uma implementação de técnicas gráficas de adequação para ajuste do modelo.

Passando por Clarice Lispector, equações diferenciais, filosofia para crianças, agricultura e modelo poli-log-logístico chegamos à formação do Estado brasileiro. Antônio Marco Ventura Martins discute o conflitante embate de idéias da elite política brasileira no século XIX, após a Proclamação da Independência, tendo como cerne o desafio da construção e edificação do Estado e da nação brasileira. Debate este que ainda perdura em nossa historiografia. Para o autor, a constituição do Estado no Brasil passa por uma elite política que apesar de possuir interesses comuns, internamente, apresentava projetos distintos que marcariam com freqüentes debates e até revoltas o cenário político brasileiro da época. Entretanto, segundo o autor, foram os saquaremas – parte mais consistente do partido Conservador – que mantiveram uma efetiva presença no comando do governo e, conseqüentemente, determinaram a direção política e moral do Império do Brasil.

Como vimos, cada artigo que irá compor esta publicação oferece ao leitor saltos teóricos equidistantes, contudo não devem ser vistos como retalhos desconexos; ao contrário, assumem nas páginas da **Revista Nucleus** o compromisso de demonstrar a própria diversidade da produção

científica que, por mais que se encontre fragmentada, ainda reserva em seu âmago o anseio da humanidade em conhecer, apreender, descobrir, compreender e, por que não, cultivar no “Novo” o que apresenta de sagrado.

A **Revista Nucleus** inicia aqui a preponderante tarefa de ilustrar em suas páginas este culto ao “Novo” e, por ventura, acrescentar que nesta terra não se planta apenas café, algodão e cana-de-açúcar, mas que em se solo também é possível colher conhecimento. Boa leitura.

**CÁSSIO DOS SANTOS TOMAIM**

**Mestrando em História pela UNESP/Franca**

**Bolsista Capes**